

notícias

Vamos Votar conscientes!

O projecto Vamos Votar encerrou e ainda que tenha começado com o foco nas autarquias locais em 2020, mudar para eleições gerais nos últimos seis meses, permitiu que em ano eleitoral, mais pessoas se apropriassem do processo democrático.

O Mosaiko em parceria com a People in Need implementou o projecto Vamos Votar e, apesar da pandemia da COVID 19 que obrigou a repensar planos e actividades, os objectivos foram alcançados nas cinco províncias e cinco municípios alvos do projecto.

O encerramento do projecto aconteceu em Junho passado, contou com a presença dos financiadores, Laura Mascagna da União Europeia e Carina Van Dúnem pela embaixada dos Países Baixos, mas também, representantes da sociedade civil, beneficiada directamente pelo projecto e ainda, várias organizações de Luanda.

Com o Vamos Votar foi possível levar às pessoas do Bié, Huíla, Moxico, Cuanza Sul e Luanda, informação detalhada sobre o novo paradigma das autarquias, desde a legislação, à sensibilização para uma participação activa em processos democráticos, até à capacitação de organizações da sociedade civil locais para mobilizar e educar eleitores.

Tendo como grupos-alvo as mulheres, pessoas com deficiência e os jovens que foram desafiados a participar alguns, votando pela primeira vez, outros a desempenharem o papel de observadores eleitorais ou formadores de educação cívica.

Com oportunidade ainda de desmistificar o processo entre os futuros votantes e/ou candidatos, nas escolas, fazendo simulações de todo o processo eleitoral, o que fez com que os estudantes compreendessem melhor cada papel e etapa, além de exigirem conhecer as ideias concretas dos proponentes para debater e por fim, votarem conscientemente.

Texto: **Mandele Rocha**



Construindo Cidadania

Rádio Ecclesia | 97.5 FM
ZAP | Canal 504

Sábado
às 08H30



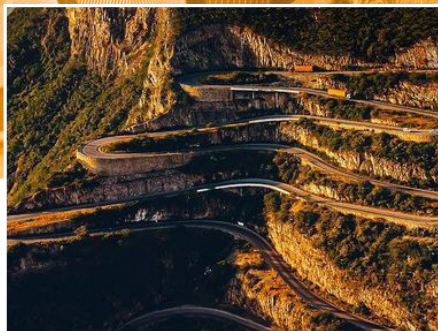
MO sai ko inForm⁵⁶

INFORMAÇÃO SOBRE OS DIREITOS HUMANOS
E O TRABALHO DO MOSAIKO | INSTITUTO PARA A CIDADANIA



MO
sai
ko
ANOS

APRENDENDO JUNTOS



Informando - Pág. 04
MARCOS DA HISTÓRIA...

Construindo - Pág. 10
ESTUDAR E REDEFINIR ANGOLA

Reflectindo - Pág. 18
"NÃO DESISTAM DE NÓS..."



MOSAIKO inForm

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE

MOSAIKO | Instituto para a Cidadania

NIF: 5000359718

Nº DE REGISTO: MCS – 492/B/2008

DIRECÇÃO

Júlio Candeeiro, op

SUPERVISÃO

Verónica Pereira

REDACÇÃO

Mandele Rocha

ARTE DE CAPA

André Cupessala

COLABORADORES

Associação Mulher Raiz da Vida
Comissão Mista de Direitos Humanos
de Ndalatando
Núcleo Dinamizador de Direitos Humanos
do Cubal

DESIGNER GRÁFICO

André Cupessala

CONTACTOS

Bairro da Estalagem - Km 12 | Viana

TM: (00244) 912 508 604

TM: (00244) 929 775 815

Caixa Postal 2304 - Luanda | Angola

E-mail: mosaiko@mosaiko.op.org

www.mosaiko.op.org

www.facebook.com/MosaikoAngola

IMPRESSÃO

Imprimarte

TIRAGEM: 2500 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Os artigos publicados expressam
as opiniões dos seus autores, que não
são necessariamente as opiniões do
Mosaiko | Instituto para a Cidadania.

COM O APOIO

MISEREOR
• IHR HILFSWERK

índice

MOSAIKO INFORM N° 56 - SETEMBRO 2022

TEMA: MOSAIKO 25 ANOS

- PÁG. 03 *editorial*
Aprendendo juntos a construir uma Angola melhor
- PÁG. 04 *informando*
Marcos da história do Mosaiko
- PÁG. 08 *figuras na história*
Nomes na história do Mosaiko
- PÁG. 10 *construindo*
Estudar e redefinir a Angola melhor
- PÁG. 14 *entrevista*
"Observamos o início de uma transformação social"
- PÁG. 18 *reflectindo*
"Não desistam de Nós..."
- PÁG. 20 *noticias*
Vamos Votar conscientes!

“ CONTINUEM A DAR PASSOS
PARA TENTAR CHEGAR AO HORIZONTE ”

Fernando Pacheco



editorial

Aprendendo juntos a construir uma Angola melhor

Júlio Gonçalves Candeeiro, *op*
Director Geral

Fotografia: © André Cupessala

Estimado leitor/a

A história e o nome do Mosaiko confundem-se com a história e a missão dos Dominicanos em Angola. Começou com a vontade de juntar o contributo e esforços da Igreja e dos actores locais para apoiar as vítimas do conflito armado mas, a pensar desde logo, numa solução duradoura com foco no reconhecimento da dignidade de cada Angolano/a como factor determinante para uma paz sustentável.

25 anos depois, o Mosaiko mantém vivo o sonho de construir uma Angola melhor, com o contributo de todos/as, mantendo a lógica de trabalhar com e não para as pessoas.

Em 25 anos, o Mosaiko cresceu, fez-se de avanços e recuos. Nós, actual equipa desta grande instituição, olhamos para o passado com gratidão e celebramos a ousadia e a coragem dos nossos fundadores por falarem de Direitos Humanos num ambiente pós-comunista e de guerra. Neste particular, vale uma singular referência e homenagem aos freis: João Domingos, Mário Rui, Zeca, Zé Paulo, Miguel Chacachama e Pedro Ouana, pelo trabalho realizado.

Mas, o Mosaiko não é só feito de frades, continuou a ser o primeiro emprego, a escola e a casa de muitos profissionais, homens e mulheres comprometidos com a missão de edificar e consolidar uma cultura dos Direitos Humanos no país.

A luta pela promoção e defesa dos Direitos Humanos continua. A guerra acabou, mas temos fome, desemprego, milhões de crianças fora do sistema de ensino, uma saúde doente e um espaço cívico tomado pelos partidos políticos. Estes males adiam o sonho da Angola melhor e tornam cada vez mais necessário o trabalho do Mosaiko.

Nesta edição especial dedicada às nossas bodas de prata, temos um selo dos 25 anos feito com pessoas que são o coração e a prioridade do Mosaiko.

Termino com uma especial nota de gratidão aos actuais colaboradores do Mosaiko, aos membros do Grupos Locais de Direitos Humanos, à CEAST, Organizações da Sociedade Civil, Instituições públicas e financiadores por continuarmos a aprender juntos. Um obrigado especial à MISEREOR que há 25 anos, ininterruptamente, apoia financeiramente o Mosaiko.

Boa leitura!

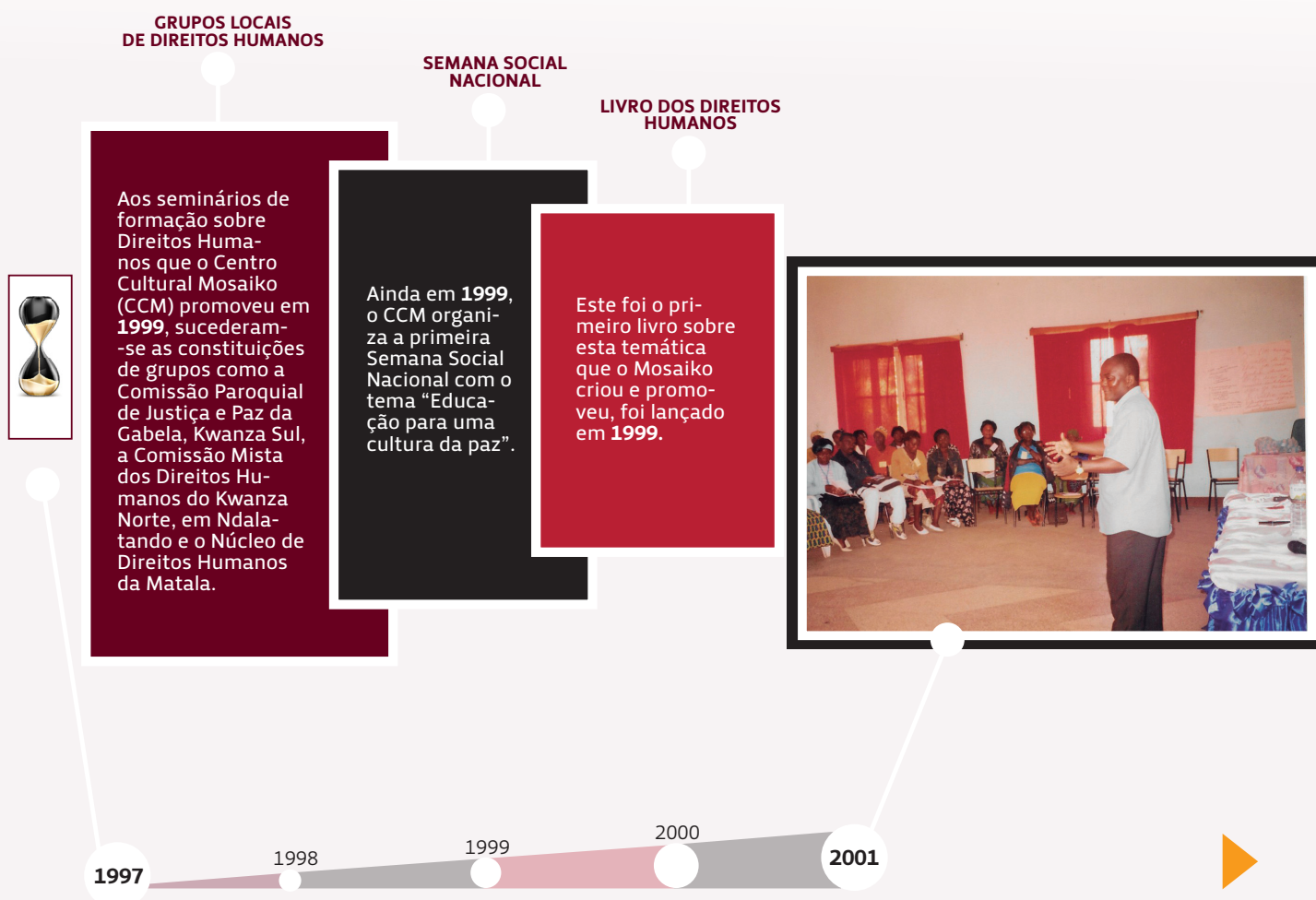
Pensar AFRICA

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL
15 E 16 | NOVEMBRO 2022
LUANDA | ANGOLA

Edifício da extensão universitária da UCAN
(Largo das escolas)

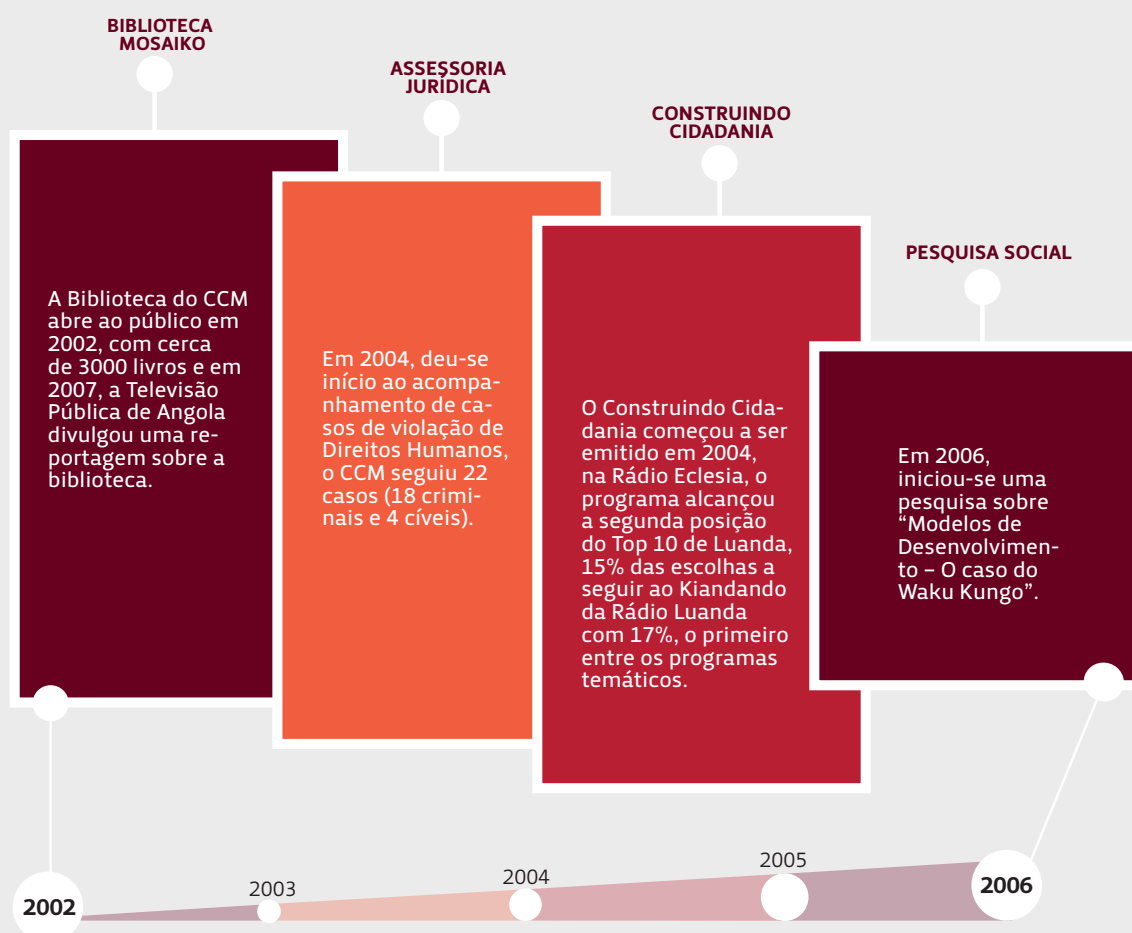
informando

MARCOS DA HISTÓRIA DO MOSAIKO

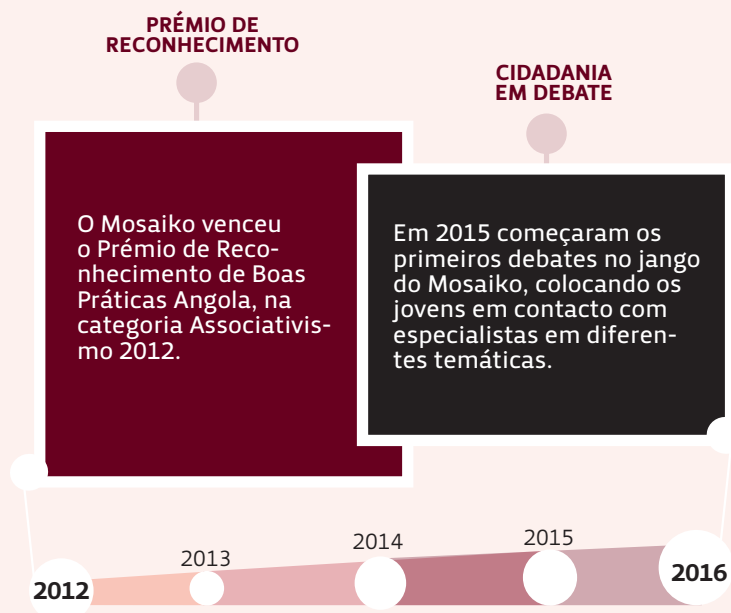
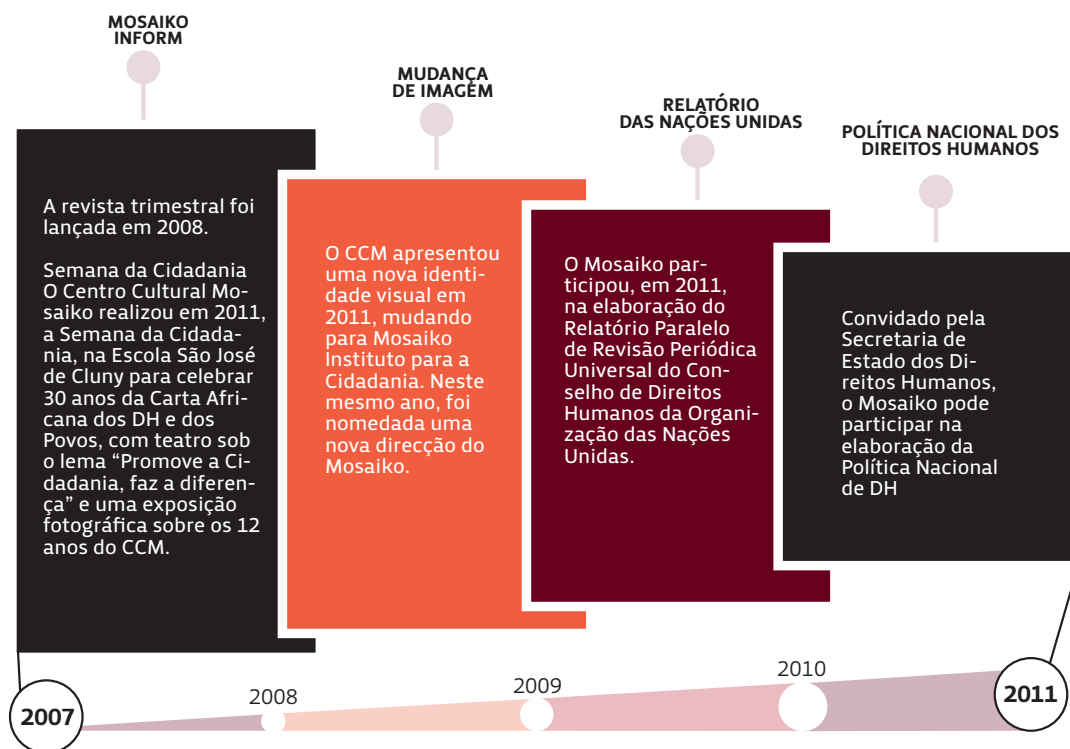




À Direita: frei João Domingos; frei Zeca e frei Mário Rui | Fotografia: © DR



MARCOS DA HISTÓRIA DO MOSAIKO

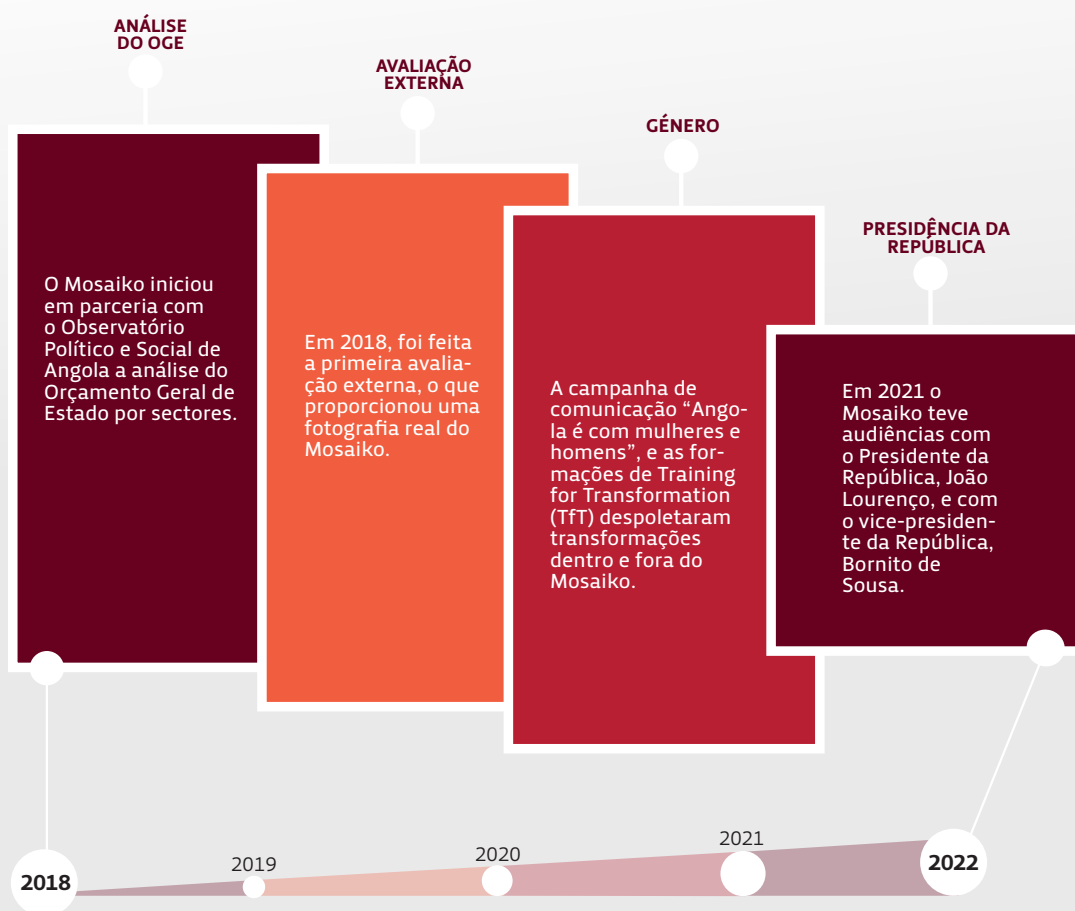




E SE
**MULHERES
E HOMENS**
TIVESSEM
AS MESMAS
OPORTUNIDADES?



**ANGOLA
É COM
MULHERES
E HOMENS**



figuras na história

NOMES DA HISTÓRIA DO MOSAIKO

☒ Adão José Palmira
☐ Afonso Mbinda
☐ Agostinho Lumati
☐ Amarildo Domingos
☒ Ana Cristina Cardoso
☐ Ana Lourdes Tchihaluka
☐ Ana Ndala
☐ Anísio Samandjata
☒ António Gongga
☐ António Ebo
☐ António Estevão
☐ Bunga Filipe
☒ Bumba Martins
☐ Cássia Clemente
☐ Celestino Quinta
☐ Celino Chitapa
☒ Celmira Lemos
☐ Céu Soy
☐ Claúdia Gomes
☐ Claúdia Joaquim
☒ Cleonício Bravo da Rosa
☐ Deonilde da Graça
☐ Desidério Manuel Segundo
☐ Domingas Manuel
☐ Domingas Quintino Diogo
☐ Domingos Caiango
☐ Edilson Pedro Eduardo

☒ Eduardo Domingos Nicolau
☐ Eduardo Filipe
☐ Eduardo Gabriel
☐ Eduardo Rocha
☒ Elizete Paulo da Graça
☐ Elsa Teresa Teixeira
☐ Eugénia João
☐ Faustina Icaia
☒ Feliciano Eduardo
☐ Flora Telo
☐ Florência Chimundo
☐ Francisco André João
☒ Francisco Cayembi
☐ Adriano Quizembe ,op
☐ António Jacob ,op
☐ João Domingos ,op
☒ Luís de França ,op
☐ Pedro Ouana ,op
☐ Humberto Óscar Alves
☐ ir Ana Cristina
☐ ir Rita João
☐ Jaime Catumbela
☐ João Bessa
☐ João Dinga
☐ José Samoco



Parte da actual equipa do Mosaiko | Fotografia: © Ae Cupessala

- ☒ Josefina Venâncio
- ☐ Judith Adelino
- ☐ Julieta Mangueira
- ☐ Lena Sande
- ☒ Lima de Oliveira
- ☐ Lúcia Kaka Kissaca
- ☐ Manuel Chateia
- ☐ Margarida Mangueira
- ☒ Maria Fernanda Sebastião
- ☐ Maria Kandandji
- ☐ Mário Rui Marçal, op
- ☐ Mauro Rui Cortêz
- ☒ Miguel Cruz
- ☐ Miguel Pessoa
- ☐ Miriam Bunga
- ☐ Mónica Guedes
- ☒ Mulewu Clement
- ☐ Nascimento Eusébio
- ☐ Nazaré Dias
- ☒ Nelson Bernardo
- ☐ Nelson Lages
- ☐ Neusa Paulo
- ☐ Nicolau Madeca
- ☐ Noé Kinanga
- ☐ Nyo Ulunga

- ☒ Patrícia Rosa
- ☐ Paulo Bento
- ☐ Paulo Caterça Adão
- ☐ Paulo Máquina
- ☒ Pedro Augusto
- ☐ Pedro Daniel
- ☐ Policarpo Lindo
- ☐ Rafael Moraes
- ☒ Ribeiro André
- ☐ Roque Samuel Lupim
- ☐ Sebastiana Oliveira
- ☐ Samuna Jaime
- ☒ Sebastião Manuel
- ☐ Sonha Chiquito
- ☐ Teresa Galiano
- ☒ Teresa Zeferino
- ☐ Tresor Filipe Lundoloka
- ☐ Victor Luís
- ☐ Victorino Wassuca Cata
- ☒ Zulmira Samuel
- ☐ José Manuel Sebastião, op

construindo

ESTUDAR E REDEFINIR A ANGOLA MELHOR

O slogan “Por uma Angola melhor” foi adoptado há uma década, ainda que o sonho de um país melhor tenha sido forjado desde o ano zero do Mosaiko, continua em construção.

Não tem como não começar por descrever esse lugar, onde as pessoas sentem que podem participar e desfrutar do bem-comum. Há inclusão, complementariedade, todos são respeitados e considerados dignos. Este ideal de país surgiu num contexto pós-guerra civil, quando a situação económica começou a melhorar e havia uma ideia generalizada de que estávamos todos bem porque havia dinheiro... Mas os “grandes números” da macroeconomia ocultavam os problemas de partilha e de exclusão.

Luanda estava cheia de gruas e euforicamente, disseminava-se a ilusão do progresso e prosperidade, cegando-nos para o perigo da má distribuição. Uma Angola melhor não concentra a sua riqueza num grupinho de bilionários. Fez sentido realizarmos uma semana social sobre justiça social e igualdade de oportunidades e para fundamentar a desigualdade, em 2012, iniciamos uma grande pesquisa sobre o Acesso à Justiça fora dos grandes centros urbanos.

Com as evidências descobertas no terreno, promovemos encontros de advocacia com os decisores públicos, encetamos abordagens directas com os ministérios, nesse mesmo ano, o Ministério da Justiça, passou a ter uma secretaria de Estado para os Direitos Humanos, então houve maior pressão para

um trabalho coordenado. Com base numa pesquisa sobre ensino dos Direitos Humanos (DH) nas escolas católicas, advogamos junto do Ministério da Educação para que os programas escolares incluíssem conteúdos de DH.

Organizamos formações conjuntas com o Ministério da Justiça. O nosso trabalho de advocacia tornou-se mais sistematizado, usando grupos de técnicos como o CIERD que elaboravam os relatórios internacionais, estes tornaram-se pontos focais dos DH nos ministérios e, logo acedemos às plataformas de advocacia internacionais, como a Comissão Africana dos Direitos Humanos e dos Povos e o Conselho dos Direitos Humanos, em Genebra, Suíça.

Sentimos a urgência das necessidades naquele boom económico que deixava muitos e muitas para trás. Trabalhamos temas até então, novos para o Mosaiko como; a educação; educação para a cidadania; direito à educação; a criança em conflito com a lei... Anos depois, o OGE com foco nos direitos económicos, sociais e culturais.



Fotografia: © Adriano Anderson

Realidade e reacções

O estudo do Acesso à Justiça é triangulado quantitativa e qualitativamente, teve grande impacto de 2012 até 2014, foi também objecto de estudo e, claro que alguns aspectos, foram negados pelo governo.

Trouxemos a debate assuntos de DH que não eram vistos como tal na sociedade angolana, a questão do registo de nascimento podemos, com toda a humildade, dizer que fomos das organizações pioneiras a apelar para esta questão e para as consequências associadas, como a violência familiar, a rapariga e toda a questão cultural no Cunene e Huíla, a legitimação da violação sexual, a rapariga ser forçada a casar com o violador...

Foi oportunidade para desafiar o sistema de justiça, exigir mais transparência e eficiência, à Polícia, e à Procuradoria Geral da República e à Provedoria de Justiça para que agissem perante crimes públicos. A nossa argumentação tornou-se mais presente e agressiva, no bom sentido, com uma nova página online, maior investimento no programa de rádio, passamos a ser mais visíveis e isto, nem sempre agradou o governo. Apesar de pontualmente sermos “bem-vistos”, porque além de denunciar, apresentávamos propostas e um caminho construtivo. Mas se concordássemos com uma avaliação externa caíam-nos em cima por “sermos do contra”, termos “visões e agentes externos”. Aprendemos a conviver com isso, por outra, se disséssemos algo que considerassem favorável, o governo fazia os seus devidos aproveitamentos.

“Trouxemos a debate assuntos de DH que não eram vistos como tal na sociedade angolana”

*construindo***ESTUDAR E REDEFINIR
A ANGOLA MELHOR**

Recentemente com o caso 15+2, o caso de uma investigadora internacional detida no Cacuo, o caso Curoca e o Monte Sumi, posicionamo-nos e logo a seguir recebemos ligações de pessoas próximas que passavam o recado ou aviso: “Cuidado!”.

Alguns Grupos Locais de Direitos Humanos com que trabalhamos, viram nisso uma força e sentiram que o Mosaiko era um ampliador das suas vozes e causas, que os pode defender, outros sentiram com esses posicionamentos o perigo e medo de eventuais represálias, o governo ter um olhar mais crítico sobre o Mosaiko, implicava todos os grupos e pessoas ligados a nós.

“Sempre nos posicionamos a trabalhar com as pessoas e isso levou-nos a andar com muitas pessoas”

“O nosso problema em Angola é político. Depois da independência, supostamente quisemos ser cidadãos livres, mas rapidamente transformamos esta cidadania em militância”

Redefinir a cidadania

Sempre nos posicionamos a trabalhar com as pessoas e isso levou-nos a andar com muitas pessoas. Numa comunidade é terra, noutra indústria extractiva, outra violência familiar... A dado momento, não há um foco, existem vários, o que torna por vezes, difícil analisar o impacto, os efeitos da acção sobre determinados sectores.

Vimos mudanças na comunidade e em certos grupos, sobretudo no que concerne à Avaliação Participativa sobre o Acesso à Justiça que já é uma marca do Mosaiko. Futuramente, será estratégico consolidar um foco e parece-me que o mais natural será retomar, de forma consistente e aprofundada, o conceito de cidadania.

O nosso problema em Angola é político. Depois da independência, supostamente quisemos ser cidadãos livres, mas rapidamente transformamos esta cidadania em militância. A esfera partidária passou a determinar tudo, inclusive, os modelos de construção da sociedade/e| Estado e com eles, as leis... Enquanto não desfizemos isto e redefinirmos o conceito da cidadania e do tipo de País que queremos, continuaremos a ter problemas.

Podemos até levar várias temáticas comunidades e elas podem sentir a importância e viver os problemas, mas o que as impede de resolverem os seus problemas é o facto de não terem poder e, não é porque não sejam organizadas enquanto comunidade, é porque não mandam no partido e, enquanto isso não acontece ou não tiverem um poder superior ao do partido ou acesso a alguém do partido em Luanda, de onde saem as ordens superiores, os problemas lá, vão persistir.

A raiz do problema está nessa ideia de que ser membro do partido é muito mais importante do que ser cidadão e que a nossa vida é decidida por um grupo em torno de uma cor de bandeira e algumas ideias que não são, necessariamente, ideais para o país. Então o conceito de cidadão, cidadania e a ideia de participação para construir o país, é fundamental.



Fotografia: © DR

A prioridade do trabalho dos DH deve ser o direito à participação na vida pública. Enquanto um camponês ou camponesa não se sentirem na sua terra e dono/a da sua situação, do seu presente e futuro, vamos continuar a ter problemas graves de DH. Por ser fácil dar um cunho legal à violação dos DH, essencialmente o direito à participação, tratam as pessoas como se fossem coisas ou crianças, privam-nas de liberdade, negam-lhes o direito de serem elas mesmas, participarem, tomarem decisões sobre o que lhes diz respeito, tudo isto é tão grave quanto colocá-las na prisão. O Mosaiko tem que manter o sonho de tornar real o respeito pela dignidade das pessoas.

Preparar o futuro

Esta força que vem de defender valores contribuem por uma Angola melhor parte, em primeiro lugar, de nós, instituição. O Mosaiko precisa de continuar a ser uma instituição altamente profissional e atenta aos desafios do mundo, hoje. Não tem como sair para as comunidades sem que trabalhem internamente o que defendemos, porque o exemplo é mais convincente que as palavras.

“Não tem como sair para as comunidades sem que trabalhem internamente o que defendemos, porque o exemplo é mais convincente que as palavras”

Por outro lado, assumir a causa dos direitos humanos num ambiente anti-ético com muitas necessidades básicas por satisfazer, é muito difícil e, nalguns casos, viu-se impossível. Tal como, capacitar uma equipa neste contexto em que existem limitações reais de formação tanto do ponto vista profissional, como ético.

O nosso futuro numa Angola melhor passa por ser uma instituição de referência em termos de DH, num nível em que qualquer vítima de violação de DH no país, possa contar connosco por termos as ferramentas efectivas para responder às necessidades. Reservando ainda nesse porvir, a ambição já sonhada de uma transformação nacional em que todos são cidadãos e se vêem como tal.

Texto: Julio Candeeiro, DG

entrevista

ANABELA BELO

“OBSERVAMOS O INÍCIO DE UMA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL”



Fotografia: ©DR

Anabela Belo gestora da MISEREOR, organização alemã dos bispos católicos para a cooperação e desenvolvimento, relembra a parceria e a amizade que vai além dos projectos.

A capacitação dos mais vulneráveis é algo que Mosaiko e MISEREOR têm comum, crê que esta perspectiva provocou mudança?

Acompanho os projectos há 14 anos e lembro-me de todos os períodos eleitorais, este ano, é a primeira vez que de facto, tenho a sensação que há uma camada jovem com uma consciência política incrível, sobretudo porque não viveu a guerra civil.

Nos primeiros anos em que fui a Angola, as pessoas estavam muito insatisfeitas com o governo naquela altura de José Eduardo dos Santos (JES). A pobreza era grande e eram tantas as dificuldades que eu perguntava: Será que esta gente um dia revolta-se? Mas respondiam-me: Não, sofremos uma guerra, não queremos voltar a passar por essa situação.

Agora temos uma geração que não viveu essa guerra e tem consciência política e diz não querer continuar

a viver assim. Esta mudança é muito visível para mim, talvez seja mais nas cidades, mas é notória.

Além de visível, foi a transformação melhor sucedida?

Creio que a mais importante. Esta geração é a que vai fazer o futuro, a que talvez possa mudar alguma coisa. É uma situação bastante perigosa e muito difícil, nós conhecemos como o governo reage, a forma como estão agarrados ao poder. Estou convencida que neste momento, observamos o início de um processo de transformação social em Angola.

Há como ligar esta transformação aos resultados dos projectos que a MISEREOR apoia em Angola?

Em relação ao projecto do Mosaiko diria que sim, tem muito a ver com o acesso da população ao sistema de justiça, o ter respostas para repor a sua dignidade, iniciando discussões fundamentais para o desenvolvimento das comunidades.

Com os projectos de agricultura sustentável notamos que começa a haver uma consciência de que a direcção política para grandes investimentos tem impacto nas comunidades, sobretudo no sul, na zona da seca, onde as pessoas não têm acesso à água porque grandes fazendeiros cortam o acesso, vedam os campos, não podem sair com os animais.

Como foi trabalhar com as Organizações da Sociedade Civil Angolanas no contexto JES e João Lourenço?

No regime de José Eduardo dos Santos havia pouca discussão política, muitos temas não eram falados abertamente. Quando o presidente João Lourenço assumiu o poder, as pessoas sentiram que podiam falar mais, mas passado pouco tempo, começaram a ver que não tinham muitas hipóteses de agir. Nos espaços de participação cívica, os convites feitos à sociedade civil pelo governo, eu conheço as pessoas e as organizações que estiveram presentes nessas reuniões e, depois, claro, não vimos as suas propos-

tas escritas em lado nenhum, nem implementadas em sítio algum. Isso desiludiu muito as pessoas e é uma das razões pelas quais neste momento está tudo tão decidido a mudar.

Como lidaram com as frustrações dos parceiros?

Os parceiros provavelmente nem terão tempo para ficar frustrados, deparam-se com problemas grandes, alguns para nós, inimagináveis. Talvez agora tenhamos um pouco mais de compreensão porque estamos a viver as consequências da guerra na Ucrânia.

Sentimos que lutamos contra moinhos de vento e estes moinhos não são os parceiros, são acontecimentos que criam mais dificuldades e a situação das pessoas não melhora visivelmente. Essa é a nossa frustração, se caminhamos no sentido correcto ou temos que mudar algo na forma como trabalhamos nos últimos anos.

“Não representamos o governo alemão junto das comunidades ou os interesses que o governo possa ter em Angola, não estamos sujeitos a ter a mesma opinião”

As intenções e agendas dos financiadores de organizações não-governamentais são muito questionadas...

Na MISEREOR não representamos a política de um governo, não implementamos projectos, ajudamos os parceiros a realizar os seus projectos. Evidentemente também recebemos dinheiro do governo alemão e a nossa obrigação é levar a realidade até aos doadores privados ou públicos, não representamos o governo alemão junto das comunidades ou os interesses que o governo possa ter em Angola, não estamos sujeitos a ter a mesma opinião.

entrevista

ANABELA BELO

GESTORA | MISERIOR

Nestes 14 anos de relação com o Mosaiko sentiu o crescimento da organização?

O Mosaiko foi sempre uma organização de referência com conhecimento e capacidade de análise. Para eu entender o que se passa, o que está a mudar e porquê? Que influência ou impacto tem? Precisei sempre conversar com o Mosaiko.

Assisti às reuniões com os governadores locais e impressionou-me sempre a diplomacia e a capacidade de diálogo com as comunidades, parceiros, jovens ou com os grupos locais de direitos humanos. A visão do futuro, o que fazer, como melhorar, sobretudo nos últimos anos quando começamos a falar sobre estratégias de monitoria e de efeitos. O Mosaiko foi a organização que se mostrou mais aberta, não agiu logo, como sempre vi o Mosaiko, reflectiu antes de dar uma resposta sem fundamento. É a organização que avançou mais que adaptou as suas estruturas às necessidades e identificou novas áreas de intervenção.

“O Mosaiko para mim não é apenas uma organização que financiamos. Ao longo dos anos tornou-se uma relação de amizade e respeito pela organização e pelas pessoas que lá trabalham”

Que outras actividades presenciou?

Assisti a uma discussão com os jovens, creio que sobre o acesso ao ensino, há uns anos no jango do Mosaiko e fiquei impressionada com a capacidade de discussão dos jovens, neste meio em que reflectem e aprendem juntos, isso é trabalho do Mosaiko. Penso que este poderá ter sido também o pontapé de saída para a formação dos movimentos de jovens nos bairros de Luanda. Aprenderam a discutir e a exigir mudanças.

Sobre a relação financiador/financiado entre Misereor e Mosaiko?

O Mosaiko para mim não é apenas uma organização que financiamos. Ao longo dos anos tornou-se uma relação de amizade e respeito pela organização e pelas pessoas que lá trabalham. E isso só foi possível devido à abertura e transparência e vontade de comunicar que o Mosaiko sempre teve.

O que a marcou nas visitas às comunidades com que o Mosaiko trabalha?

A consciência que as pessoas já tinham sobre os seus direitos e a importância de fazer justiça de acordo com a cultura. As pessoas são confrontadas com violações que eu desconhecia e para elas, o tribunal era importante, sim, mas também a cultura e a forma como sentiam na comunidade que foi reposta a dignidade.

Estive no Cubal, Jamba Mineira, no Dondo, Ndalatando e no Cunene visitei uma comunidade que estava a viver um conflito de terras, os Nhanhekas, explicaram-me as consequências de não ter acesso à água, mas também como vivem entre si, o papel de cada um, homem, mulher, como os animais são trespassados e a importância de tudo para analisar o acesso à terra, tendo em conta as especificidades.

entrevista

ANABELA BELO

GESTORA | MISERIOR

No futuro, a intervenção da Sociedade Civil tenderá a ser ainda mais política?

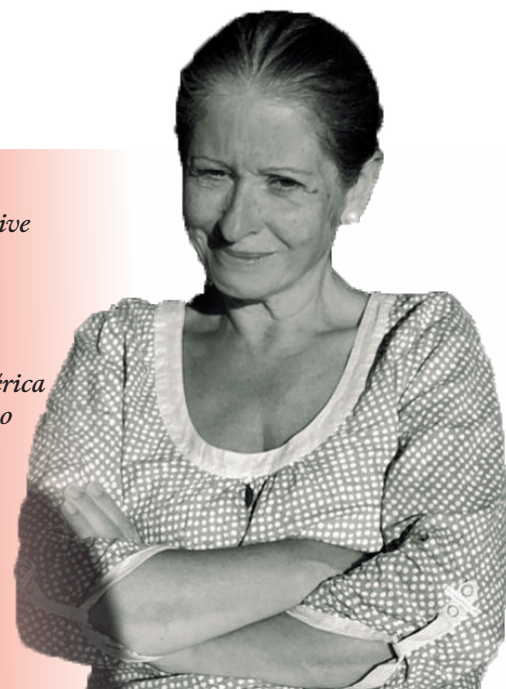
Sim, mais directa e não só em Angola, nós aqui também. Há dias li num jornal alemão algo sobre o investimento na produção de energia verde em Angola para a Europa... Aqui também temos a responsabilidade de saber qual é o plano do governo alemão, não temos energia da Rússia, vamos buscar a África? A Angola que não tem energia nas 18 províncias é que nos vai fornecer? Nenhum governo hoje actua sozinho, temos que parar e compreendermos que a nossa acção tem um impacto cada vez mais directo no que está a suceder aí...

“Faz sentido uma presença mais forte dos nossos parceiros aqui na Europa, serem os Angolanos a exigir os seus direitos”

Articular para forçar a acção noutros palcos?

Até diria mais, será que temos que ser sempre nós a falar com os nossos deputados alemães? Porque não permitir que os nossos parceiros que se dedicam a este trabalho, virem aqui falar com os nossos deputados? Faz sentido um intercâmbio e uma presença mais forte dos nossos parceiros aqui na Europa, serem os Angolanos a exigir os seus direitos, a questionar estas intervenções que põe em causa a sobrevivência das pessoas em Angola.

Nasceu em Portugal, vive na Alemanha há mais de 30 anos e trabalha na MISEREOR desde 1991. Inicialmente no Departamento da América Latina e desde 2008, no Departamento África e Próximo Oriente, como responsável pelo acompanhamento dos projetos na África Lusófona.



Se tivesse que sonhar o Mosaiko do futuro, como seria?

Provavelmente continuaria dialogante, com gente nova, dinâmica, disposta a sair e a trabalhar com as comunidades e ser talvez, o porta-voz dos jovens nessas comunidades que não têm acesso às instituições nas cidades. ●

Texto: Mandele Rocha

reflectindo

"NÃO DESISTAM DE NÓS..."

ASSOCIAÇÃO MULHER RAIZ DA VIDA

"**D**os 25 anos, apenas celebramos juntos doze, em 2010 conhecemos o Mosaiko através do Dr. Lima, no Chá de Caxinde, que falou sobre a instituição com a tia Estrudes que já na altura, integrava um grupo de mulheres do Kalawenda que demonstrou interesse pelos direitos humanos. O trabalho do Mosaiko começou com o acompanhamento das nossas mães no registo das suas crianças e logo, ao iniciar a facilitação de palestras na comunidade, surgiram mais casos de falta de registo de crianças.

Estas formações que o Mosaiko deu e continua a dar, promoveram-nos muito. Ajudaram a resolver os nossos problemas pessoais e assim, conhecemos muitas instituições que jamais contávamos conhecer.

Parabéns pelos 25 anos de existência!

Continuem a trabalhar com a sociedade e continuem a capacitar os formadores que formam as comunidades, têm tido muita paciência connosco e mesmo com as nossas falhas, não desistem. É tudo! Que Deus abençoe o vosso trabalho, principalmente o diretor geral e as pessoas que o ajudam nesta missão."

Por: Associação mulher raiz da vida

NÚCLEO DINAMIZADOR DE DIREITOS HUMANOS DO CUBAL

"**A** formação uniu-nos ao Mosaiko, uns conhecem a instituição há oito, 13 ou 22 anos, um dos mais antigos membros do núcleo lembra que por intermédio do Frei João Domingos, de feliz memória, em colaboração com as irmãs Teresianas no Cubal, facilitou uma formação com o tema: "A longa caminhada da Declaração Universal dos Direitos Humanos. E no trabalho de grupo, em resposta à pergunta: "Que caminhos para o futuro?" Demos assim início à nossa caminhada, criámos uma comissão coordenada por Pedro Hungulu e a secretária, a irmã Modesta Natchamba, das irmãs Teresianas.

Na comunidade onde vivemos, o Mosaiko joga um papel de grande relevo disseminando conhecimento sobre os direitos fundamentais, direitos humanos, uma cidadania mais responsável e participativa, apesar de muitas barreiras que encontramos por parte dos chefes das instituições. Com o Mosaiko aprende-se sobre direitos humanos, como o país caminha e como nos podemos defender da violação dos mesmos direitos.

Muitos beneficiaram das formações e hoje, o Núcleo Dinamizador de Direitos Humanos do Cubal em parceria com o Mosaiko, ajuda a comunidade a resolver os seus conflitos e a encaminhá-los aos tribunais, assim como, à regedoria municipal.



Fotografia: ©Adriano Anderson

COMISSÃO MISTA DE DIREITOS HUMANOS DE NDALATANDO

Ao jovem Mosaiko de 25 anos, o núcleo aconselha a munir, se possível, os grupos locais de Direitos Humanos de meios como: transporte, meios informáticos e de técnicas de elaboração de projectos sociais. Deve ainda continuar a fortalecer as parcerias com os grupos locais, capacitar os membros para que se tornem autónomos e formar formadores que assessoram os grupos continuamente."

Por: Hilário Kavala, Filipe Wali e Aurélio Kapasi

"Conheci o Mosaiko, há 23 anos, durante uma conferência sobre Direitos Humanos na minha Diocese, numa altura em que quem falasse de Direitos Humanos era visto como opositor/contra ao governo. A conferência foi interessante e despertou-nos para conhecer mais sobre os nossos direitos e logo, permitiu também influenciar mais pessoas para lutarem pelos seus direitos, de forma a exercerem melhor a sua cidadania.

Há um nível de consciência cidadã, na minha comunidade as pessoas aprenderam sobre os limites das suas acções de forma a não lesarem o direito de outrem. As pessoas acedem ao sistema de justiça local para obter informações sobre casos de violação de direitos humanos. Não só conhecem os seus direitos, como sabem quais as instituições competentes.

O nascimento da Comissão Mista de Direitos Humanos é a marca mais forte desta ligação ao Mosaiko, nascemos há 23 anos e esperamos que o Mosaiko continue a alargar a sua acção a mais grupos e comunidades."

Por: António Francisco da Costa



Fotografia: ©DR



Fotografia: ©Ae Cupessala

Texto: *Mandele Rocha*